REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 773

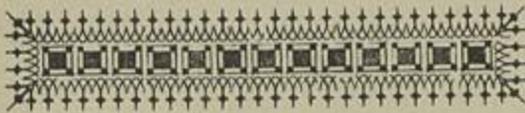
20 DE JUNHO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

OS PRINCIPES DE THURN-ET-TAXIS, D. MARIA THEREZA DE BRAGANÇA E D. CARLOS LUIZ, CONSORCIADOS EM REGENSBURG NO DIA 22 DE MAIO DE 1900

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha muitos dias que os mais interessados na politica mal comem e pouco dormem. Propõem-se enigmas e fazem-se apostas. O ministerio ora parece cambalear sobre uma base de argilla, ora se mostra firme como o arco grande das Aguas Livres.

—Em crise, não ha duvida! diziam boatos voando pela arcada.

—Engano puro, as reformas vão ser discutidas.

E a saude do sr. Presidente do Conselho parecia oscillar, na mesma inconstancia da agulha do barometro, ora indicando bom tempo fixo, ora temporal, descançando, uma vez por outra, apenas no variavel.

Felizmente, parece que a sciencia mais uma vez triumphou e o sr. José Luciano de Castro já no sabbado se apresentou na camara dos deputados, entrando em discussão e respondendo ao leader da minoria, sr. João Franco.

Já a camara estava funccionando e ainda não se sabia ao certo se o Presidente do Conselho assistiria á sessão. Na sala havia grande sussurro, grande animação nas galerias.

Depois de incidentes relativamente pouco importantes, lido na mesa o parecer sobre a reforma, levantou-se o sr. João Franco e depois de algumas palavras energicas, mandou para a mesa a seguinte moção, por elle assignada e pelos srs. Arroyo, Campos Henriques, Jacintho Candido e Luciano Monteiro: «A camara, reconhecendo que a presente sessão constitucional foi proposta e deliberada antes de decorrido o praso estabelecido no art. 9.º do 2.º acto addicional de 24 de julho de 1885, e considerando que a infracção d'este preceito torna irrita e anulla qualquer modificação introduzida na constituição do reino, declara-se incompetente para conhecer da materia do projecto.

Respondeu-lhe o sr. José Luciano, dizendo que não errou quando no anno passado propoz a reforma da carta e que esperava que então fosse discutida a questão do praso estabelecido no acto addicional a que o sr. João Franco se referira. Ninguem então a levantou, os regeneradores tinham abandonado todas as discussões, não imitando o exemplo do sr. Dias Ferreira.

Tendo o sr. Presidente do Conselho proferido no seu discurso algumas palavras em que o sr. João Franco julgou ver offensas ao seu partido, foi a replica feita com menos serenidade, intervindo por vezes a campainha do sr. Presidente, e azedando-se o debate pelo emprego de frases como a de *desordem para exploração* e *chefe de arruaceiros*.

E' natural que a discussão continue acalorada. As paixões partidarias estão devéras accesas.

Dizem judiciosamente as *Novidades*: «Assim acontece que estas malfadadas reformas politicas, não tendo em si cousa boa que valesse a pena de canceiras, só vão servir para aggravar os disidios partidarios, fazendo referver os odios e antagonismos em ancia imperiosa de desforço.»

Serão approvadas as reformas politicas? E' esse um dos enigmas propostos. Alguns progressistas parecem ser de opinião de que o projecto deve ser abandonado.

Como se vê, a agulha do barometro continúa no *variavel*.

O sr. Presidente do Conselho foi muito visitado em sua casa por todos os seus amigos, que o felicitaram pelas suas melhoras, de que deu tão evidentes provas.

Os animos andam accesos por toda a parte.

Em Hespanha o ministerio está em crise, parecendo a todos para muito breve a queda do ministerio presidido por Silvela.

Da China chegam noticias que obrigam todos os paizes a reforçarem seus contingentes para o caso da necessidade de intervenção de grandes forças armadas para conter os boxers. Do Transwaal não chegam novas que façam esperar para breve o termo da guerra.

Os insurrectos boxers são talvez cem mil. Seu chefe, Chan, homem intelligente e de muita illustração, é contrario á actual dynastia e parece querer fazer-se proclamar imperador.

Os rebeldes pretendem exterminar os christãos e estabelecer os antigos costumes do imperio.

Incendiaram já as missões franceza e ingleza de Yunnam, todas as residencias de verão das legações a oeste de Pekim e a cathedral catholica d'esta cidade.

Os morticinios continuam.

A columna que se dirige contra Pekim é composta de 300 russos, 156 francezes, 104 americanos, 102 japonezes, 40 italianos e 25 austriacos.

O almirante americano que está em Manila recebeu ordem para enviar para a China um navio com carvão e provisões para mil homens durante um mez.

Parece que a Inglaterra enviará para o Celeste Imperio algumas brigadas das que operam na Africa do Sul. A opinião publica acha-se excitada e muitos perguntam se novos revezes não serão consequencia do enfraquecimento das forças que operam contra os boers.

As ultimas noticias vindas da Africa não são de molde para renovar o sonho dos inglezes de felicidades, de victorias. Muito pelo contrario.

Emquanto dos differentes paizes do mundo nos chegam noticias de violentissimas commoções politicas ou guerras crueis, da França só nos chegam novas de festas, ovações, conquistas da arte e da sciencia.

Paris, que grande numero de comboios, de extraordinaria velocidade e barateza, põz quasi ás portas de Lisboa, é hoje entre nós tão falada como se d'uma coisa nossa se tratasse. Verdade é que muitos interesses tem hoje Portugal n'essa exposição, d'onde todos os dias nos contam maravilhas que foram muito além de toda a esperança.

As nossas secções teem chamado a attenção de nacionaes e estrangeiros. Os jornaes de Paris teem-se todos elles referido com elogio ao bom gosto das instalações para cujo brilhantismo concorreram muitos e grandes artistas, Teixeira Lopes, Manini, Vaz, Reis, etc.

Por telegrammas recebidos em Lisboa sabemos que foram premiados com medalhas d'oiro dois grandes artistas portuguezes, muito discutidos entre nós, mas ambos muito considerados.

Columbano Bordallo e Salgado acabam de receber do jury internacional um solemne testemunho de apreço, que, até certo ponto, lhes será compensação a tantos desgostos que n'um paiz pequeno como o nosso ensombram a vida dos artistas.

Pois os artistas portuguezes trabalham a valer, alguns muito bem, outros muito.

Infelizmente o meio pobresinho não permitte que se viva aqui exclusivamente de arte pura.

Quem verdadeiramente se revela infatigavel é Eduardo Scwalbach. Nem menos de quatro peças d'elle foram representadas desde o começo do inverno: *Poeta de Xabregas*, *Barril do Lixo*, *Bisbilhoteira*, *O Dente do Maçarico*. E todas com graça, d'aquella graça muito d'elle, com que tem conquistado as sympathias de todas as platéas.

O *Dente do Maçarico* tem obtido o maior exito no theatro da Rua dos Condes. Peça magica com verdadeiros achados, excellente companhia, scenario luxuoso.

Maria Gonçalves, que pela primeira vez representou agora em Lisboa fallando a lingua da sua terra, conquistou rapidamente as sympathias do publico.

Os theatros teimam em não fecharem no tempo quente e parece que teem razão, pelo menos por emquanto.

O Colyseu continua com as mesmas enchentes do costume e para muito breve annuncia se o inicio de nova epoca no theatro D. Amelia com a representação da magica de grande espectaculo—*A princeza encantada*.

O Papuss já acordou e, segundo se diz, ganhou um dinheirão, emquanto esteve de barriga para o ar, regaladamente dormindo a sua soneca. Um homem feliz.

O theatro da Trindade deve abrir brevemente. Desejamos-lhe a sorte que Affonso Taveira teve na passada epoca.

D'este nosso amigo chegam-nos excellentes noticias. Toda a companhia chegou de perfeita saude ao Rio de Janeiro e obteve grande exito a *Ave Azul* na sua primeira representação.

Mas, como sempre, n'estes tempos de calor, os toiros teem o privilegio de attrahir a grande concorrencia.

A ultima toirada na Praça de Algés, em beneficio de Fernando de Oliveira, agradou extraordinariamente.

Toiros cumprindo, casa cheia, artistas de primeira ordem, beneficiado sympathico a todos.

Estamos no mez das festas. Toiradas por toda a parte. Claro está que a maior parte d'ellas... sem toiros. Mas é um pretexto para se sahir de Lisboa e ir apanhar um boccado de calor ao campo... onde elle é muito maior.

Dia de Santo Antonio, esplendido!

Uma verdadeira romaria para fóra.

De mais a mais tinha andado a roda... Loteria grande de cincoenta contos. Um dos maiores premios foi dividido por todos os trabalhadores da nova Escola Medica. Coube quarenta e tantos mil réis a cada um.

Continua a ter razão o Eduardo Garrido. A sorte grande é uma coisa... que sai aos outros.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Succedem-se as maravilhas, andamos de encanto em encanto, como um pobre mendigo, que de repente se achasse transportado a um dos phantasticos palacios das Mil e Uma Noites!

Parece-nos curto o tempo, e só desejariamos ter o condão de nos desdobrarmos, triplicarmos, centuplicarmos, para, n'uma só noite, podermos assistir a todas as festas, entrarmos em todas as secções, visitarmos todos os theatros.

Paris é um mundo, tem isso sido escripto muitas vez; mas o mundo que é hoje, sempre vestido de galas, augmentada a sua população com milhares de estrangeiros, ninguem o póde descrever, pois que um só golpe de vista abrange em dois segundos o que tomos volumosos não saberiam contar.

A Lampada de Aladim ainda existe; chama-se agora trabalho, esforço, intelligencia, dedicação, sciencia.

E' claro que o pavilhão portuguez continua a chamar a nossa attenção, muito especialmente. Mas posso accrescentar com orgulho que tambem tem chamado a attenção de todos os estrangeiros, a quem temos ouvido, felizmente, muitas phrases que nos consolam da indifferença e quasi despreso com que muitas vezes nos maltratam.

Falarei portanto hoje das novas secções inauguradas ultimamente n'uma pequenina festa muito intima. A nossa exposição agricola, embora dos nossos vinhos pouco se ache exposto que dê idéa da sua riquissima diversidade, tem sido muito elogiada por todos os visitantes. O Porto e a Madeira enviaram os seus melhores productos. A decoração é simples e de muita originalidade; basta para seu bom effeito ter concorrido o talento do nosso grande esculptor Teixeira Lopes com uma bella composição representando uma mulher do Minho a espremer uva dentro d'uma dorna.

Merece elogio pelo muito que se dedicou trabalhando pelo bom exito d'esta notabilissima secção o sr. Cincinato da Costa.

Devéras para nos orgulhar são o nosso pavilhão colonial e a sala portugueza no Palacio dos Exercitos de terra e mar.

Pena é que o pavilhão das nossas colonias tanto tenha tardado em abrir. Muitos estrangeiros já teem saido de Paris e foram-se sem fazer uma idéa do que valem as nossas colonias em nossas mãos, de que é eloquente prova a surprehendente exposição d'onde acabamos de chegar.

E' ainda maravilhados pelo que vimos e de que não faziamos a menor idéa, que escrevemos estas linhas, sentindo o nosso patriotismo docemente afagado pelas palavras lisongeiras para nós, de que trazemos os ouvidos cheios.

Na sala da secção dos exercitos revelou-se o excellente gosto do nosso querido amigo, major de engenheria, Monteiro de Lima, que tem sido muito cumprimentado e tem recebido inequivocas provas de apreço de nacionaes e extrangeiros.

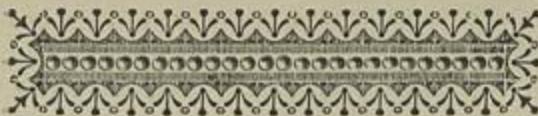
Manini, que pintou o tecto, e Carlos Reis, que decorou as paredes com oito magnificas telas, muito concorreram para o excellente effeito d'esta vastissima sala, que tem chamado a attenção dos entendidos no assumpto.

Ainda teremos muitas inaugurações. A propria França não tinha promptas a tempo as suas instalações. Como se vê: Cá e lá...

Os estrangeiros andam por aqui radiantes. A França acolhe-os com uma bizarria extraordinaria. Leva-lhes um bocadinho caro, mas trata-os, que tem a gente vontade de não tornar a sair d'aqui.

Entre todos devem estar satisfeitissimos o Rei da Suecia e a Maria Guerrero. E' talvez exquisito que eu assim junte estes dois nomes, um Rei e uma actriz; mas é que, no mesmo dia, assisti ás duas grandes ovações, a do Rei nas corridas, a de Guerrero no theatro. Que, diga-se a verdade, os reis sempre tiveram que ser um nadinha actores e uma artista como Guerrero é rainha em toda a parte.

Paris, 16 de junho de 1900.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS PRINCIPES DE THURN-ET-TAXIS

O presente anno parece que será o mais notavel em casamentos principescos de todo o seculo XIX, prestes a findar. Assim o declara um illustrado escriptor dizendo que, visto os *records* estarem em voga, o *Almanach de Gotha* poderá citar o anno de 1900 como sustentando perfeitamente este *record*.

Na verdade assim succede; é grande o numero dos casamentos ajustados, e entre elles indicam-se os seguintes:

O principe e a princeza Ludwig de Coburgo; archiduqueza Stephanie de Austria e o conde Elimar Longay; a princeza Elizabeth de Waldeck e o conde hereditario de Erbach Schoenberg; a princeza Maria da Grecia e o grão duque Georges da Russia; o principe Alberto da Belgica e a princeza Elizabeth da Baviera; a rainha Wilhelmina de Hollanda com um principe de Wied; o archi duque Franz Ferdinand d'Austria e a princeza Sophia von Chotek; a princeza Maria Luiza de Cumberland e o principe Max de Bade; o principe Rupert de Baviera e a grã-duqueza Maria Gabriella, filha do principe Carlos Theodoro de Baviera; a archi-duqueza Maria Thereza d'Austria e o conde Ladislau von Cavriana; e finalmente o duque Roberto de Wurtemberg e a archi-duqueza Maria Immaculata Rasseria.

A' casa de Bragança parece pertencer n'este anno a palma dos enlaces matrimoniaes, pois que além do da infanta D. Maria Thereza com o principe de Taxis, cujos retratos reproduzimos, se acham justos officialmente o consorcio do principe Alberto da Belgica, filho do conde de Flandres e sobrinho do rei Leopoldo, com a princeza Isabel Valeria, filha do principe Carlos Theodoro, chefe da casa ducal da Baviera e da duqueza Maria José de Bragança, filha de D. Miguel, que foi rei de Portugal; e a princeza Maria Gabriella, irmã da princeza Isabel Valeria, vae casar com o principe Bupprecht, que será um dia rei da Baviera, como o principe Alberto será rei da Belgica.

Como nota interessante sobre o assumpto diremos que o mesmo escriptor averiguou a enorme desproporção que ha entre o numero de princezas casadoiras e o de principes em eguaes circumstancias, pois que, segundo uma estatistica do *Stateman's Yearl Book*, não ha mais de 13 princezas de idade casadoira, entre os 18 e 35 annos, e 38 principes, membros de familias reinantes, entre 20 e 45 annos. Uma princeza real para 3 principes!

*

* *

Os principes de Taxis, cujo consorcio realisado em 22 de maio ultimo em Regensburg, noticiamos, são uma neta do rei de Portugal D. Miguel e um conde do imperio, que assim estreitaram os laços de parentesco que ja a ambos unia.

A biographia dos nobres esposos é digna da dos seus antepassados.

A sr.ª infanta D. Maria Thereza, cujo nome por inteiro é o de Dona Maria Thereza Carolina Michaela Gabriella Raphaela Anna Josephina Antonia Francisca d'Assis e de Paula Brigida Pia Gerardina Severina Ignacia Luiza Joanna, foi terceira filha do primeiro casamento do sr. D. Miguel de Bragança com a sr.ª D. Izabel Maria de Thurn et-Taxis, tendo nascido em Oedenbourg em 26 de janeiro de 1881.

Orphã de mãe, dias apoz do nascimento, acompanharam-n'a os ensinamentos de sua veneranda avó, e mais tarde findas as lições das mestras domesticas, foi confiado o complemento da sua illustração ás religiosas Salesianas de Munich, em 1890.

Serviu-lhe depois de segunda mãe a augusta esposa do sr D. Miguel de Bragança.

Da longa permanencia em Ratisbonne, solar do benemerito e illustrado principe, chefe da casa de Thurn-et-Taxis, veiu a manifestação do amor reciproco, que o bispo de Ratisbonne abençoou na capella do palacio de Saint Emmeriam, na presença da deputação portugueza do partido legitimista.

Pertence o noivo á opulenta casa de Thurn-et-Taxis, cujos vastos dominios se estendem pela Baviera, pela Russia, pela Austria e pelo Wurtemberg.

O principe Carlos Luiz Lamoral Eugenio de Thurn-et-Taxis é official no 2.º regimento de cavallaria *Taxis*, cavalleiro da Ordem bavara de S. Jorge, 3.º filho do principe Maximiliano de Thurn-et-Taxis, já fallecido, e da Princeza Eugenia de Tascher-de-la-Pageria, e nasceu em Augsbourg, aos 19 de outubro de 1863.

Pertencem lhe, como a todos os principes de sua familia, além da nobreza do Imperio, confirmada já em 1512, as honras principescas devidas aos condes de Valsassima, Hochgeboren em Austria, Altezas Reaes na Hollanda, Prussia e Baviera.

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

Depois da morte do valente general Joubert, o heroe cujo nome prestigioso tanta vez se inscreveu nas victorias dos boers, não voltámos ao desolador assumpto da guerra actual. Essa enorme perda moral e material pareceu ter desanimado os patriotas transvaalianos e chegou-se a imaginar que elles succubiriam breve. A noticia da facil entrada de Roberts em Pretoria confirmava, excedia até, tão tristes previsões. Suppunha-se então que o termo da lucta se avisinhava, embora se calculasse que a continuação d'ella em guerrilhas seria inevitavel.

D'aqui resulta o caracter apparentemente desorganisado que tomou a guerra anglo-transvaaliana. E a persistencia dos alliados n'esta tactica augmentará muito as difficuldades dos inglezes.

A Joubert succedera no commando das tropas federadas o general Kronge, que não tardou a ser aprisionado, vendo-se o presidente Kruger forçado a tomar o seu logar, para com o prestigio da sua auctoridade incutir novo alento aos seus denodados compatriotas.

Acossado pelos inglezes, o venerando ancião tem successivamente mudado a séde do seu governo, e, ora se encontra proclamando aos transvaalianos de qualquer povoação mais distante e bem defendida, ora dentro de um wagon prompto a deslocar-se para outro ponto. A isto se reduziu a séde do governo do heroico Transvaal. E essa residencia está hoje n'um ponto, ámanhã n'outro, aos acasos da guerra.

Sabe se que actualmente Kruger ordenou que se mudasse o quartel-general dos boers para Aikmaar, proximo de Nelsfruit.

Para constraste offerecemos hoje aos leitores uma vista geral da capital do Transvaal, a cidade de Pretoria, cujo nome rememora o celebre chefe *Pretorius*, que fundou e dirigiu os primeiros estabelecimentos dos boers na Africa do Sul.

A vista que reproduzimos é tomada da Praça da Egreja e dá boa idéa da vastidão e importancia da cidade republicana, admirando-se n'ella bellos edificios, que os boers não arrazaram nem destruiram, como se dizia ser sua intenção

Apezar de dominados e exhaustos, os boers continuam infligindo serias derrotas aos inglezes; e ainda as ultimas duas foram importantes, ao que transparece dos despachos telegraphicos de lord Roberts, o generalissimo das tropas inglezas. A primeira d'essas acções deu-se junto a Pretoria, sendo as forças habilmente commandadas, pondo em risco as communicações do exercito inglez, que chegaram a estar interrompidas talvez durante dois ou mais dias.

Na segunda derrota rechaçou-se valentemente os postos avançados de Pretoria, chegando esta noticia a ser proclamada como de notavel importancia, mas na verdade parece que nada adiantou, continuando os inglezes na posse das possições tomadas pela artilheria de French.

Entretanto o generalissimo Roberts pede constantemente novos reforços, que a Inglaterra até agora tem satisfeito, mas que em breve a questão aberta com a China, que se mostra de extrema gravidade á data das ultimas noticias, não poderá permitir se organisem com egual presteza.

Será, decerto, este ponto uma nova interrogação posta nos destinos da actual guerra anglo-boer. Oxalá o futuro dê a vinda do mal da China por bem para a terminação da guerra na Africa do Sul.

BONS AMIGOS

Deve ser um torrão de assucar que o pequeno lhes offerece. Isto posto, não são precisas apresentações. Um *toma-lá* ainda é, até hoje, a formula mais milagrosa de atrahir os homens e os cães.

E como os cãesinhos sobem contentes, com os seus modos ainda desageitados, tropegos, dando já os primeiros passos na vida com a mira no que lhes ha de ser gostoso!

E no fim, muito gratos, hão de lamber a mão do pequenino.

Pudera!... Se ainda tem assucar!

AS CORPORAÇÕES OPERARIAS EM PORTUGAL

II

A CASA DOS VINTE E QUATRO

Antigamente denominava-se *Casa dos 24* a junta composta de vinte e quatro delegados dos officios mecanicos de Lisboa ou de outra qualquer terra industrial, como Porto, Coimbra,[1] Santarem, Angra, etc., e presidida pelo Juiz do Povo, que com o senado da camara governava o concelho.

Esta instituição de notavel importancia economica e politica foi creada em Lisboa, no anno de 1422, por D. João I, sobre as antigas corporações imperfeitamente arregimentadas até aquella data. O monarcha quiz assim mostrar o seu agradecimento pelo auxilio que recebeu dos officios na conquista do throno. Ao tanoeiro Affonso Annes Penedo nomeou-o el-rei *juiz do povo*, em distincção pelos serviços prestados; sendo assim aquelle official mecanico o primeiro que teve esse cargo

A Casa dos 24 de Lisboa durou até 1506, anno em que D. Manoel a dissolveu, como castigo infligido á cidade pela horrorosa matança dos christãos novos.[2] Em 1539, D. João III restabeleceu-a, dando-lhe novo regimento, amplamente reformado em 1572, e assim permaneceu até 7 de maio de 1834, em que foi extincta pelo regimen constitucional.[3]

A eleição dos delegados dos officios á Casa dos 24, de Lisboa, fazia-se todos os annos em dia de S. Thomé, sendo pelo juiz do povo depois apresentados na meza da vereação da cidade, acto solemne de que se lavrava assento que todo o senado subscrevia.

As eleições, e outras assembléas dos 24, tinham logar em casa propria, sita no Rocio, junto á egreja do hospital de todos os Santos, sendo destruida pelo incendio de 1750

N'algumas outras cidades, as eleições dos mestéres faziam-se de tres em tres annos. Aos 24 de Coimbra foi isso confirmado por alvará de 2 de zembro de 1578.

O alvará de 10 de dezembro de 1641 suscitou que nas eleições dos 24 de Lisboa se devia primeiro eleger o Juiz do Povo, a votos, e depois de publica a sua eleição, proceder-se á dos mestéres na fórma costumada.

O novo juiz devia logo tomar contas ao juiz velho, «assim como quaesquer outras da Casa dos 24, que respeitassem ao povo.»[4]

O Juiz do Povo, de Lisboa, tinha 30$000 réis de ordenado, concedido em 20 d'abril de 1624, e que lhe era pago pelas rendas da camara. Em 1641, por decreto de 13 de janeiro, foi-lhe permittido o uso de vara vermelha no exercicio das suas funcções. Ao Juiz do Povo, de Coimbra, só em 3 de

[1] E' pelo *Regimento da festa do Corpo de Deus e de como de hão de ir os officios cada um seu logar*, de Coimbra, documento de 1517, que se teem as mais interessantes indicações da organisação dos officios n'aquella cidade. No archivo municipal ha muitos outros documentos sobre tão curioso assumpto. D'elles deu completa rezenha o sr Ayres de Campos nos seus *Indices e Summarios*, que correm impressos

Dos mestéres do Porto dá boa idéa, pela desenvolvida enumeração que d'elles faz, o *Accordo e regimento* feito para a mesma procissão em 15 de julho de 1621. Acha-se transcripto nas *Dissertações chronologicas* de João Pedro Ribeiro, vol 4, pag. 214.

Os Vinte e Quatro de Santarem tinham tambem o seu juiz do povo, escrivão e um almotacé da limpeza

[2] *Chronica de D. Manoel* por Damião de Goes, parte 1.ª cap. 103 Garcia de Rezende na sua *Miscellanea*, fol. XII, tambem allude ao facto.

[3] Eis o theor do decreto de extincção:

«Não se coadunando com os principios da Carta Constitucional da monarchia, base em que devem assentar as disposições legislativas, a instituição de Juiz e Procuradores do Povo, Mestéres, Casa dos Vinte e Quatro, e classificação dos differentes gremios; outros tantos estorvos á industria Nacional, que para medrar muito carece da liberdade, que a desenvolva, e da protecção que a defenda: Hei por bem, em nome da Rainha, decretar o seguinte:

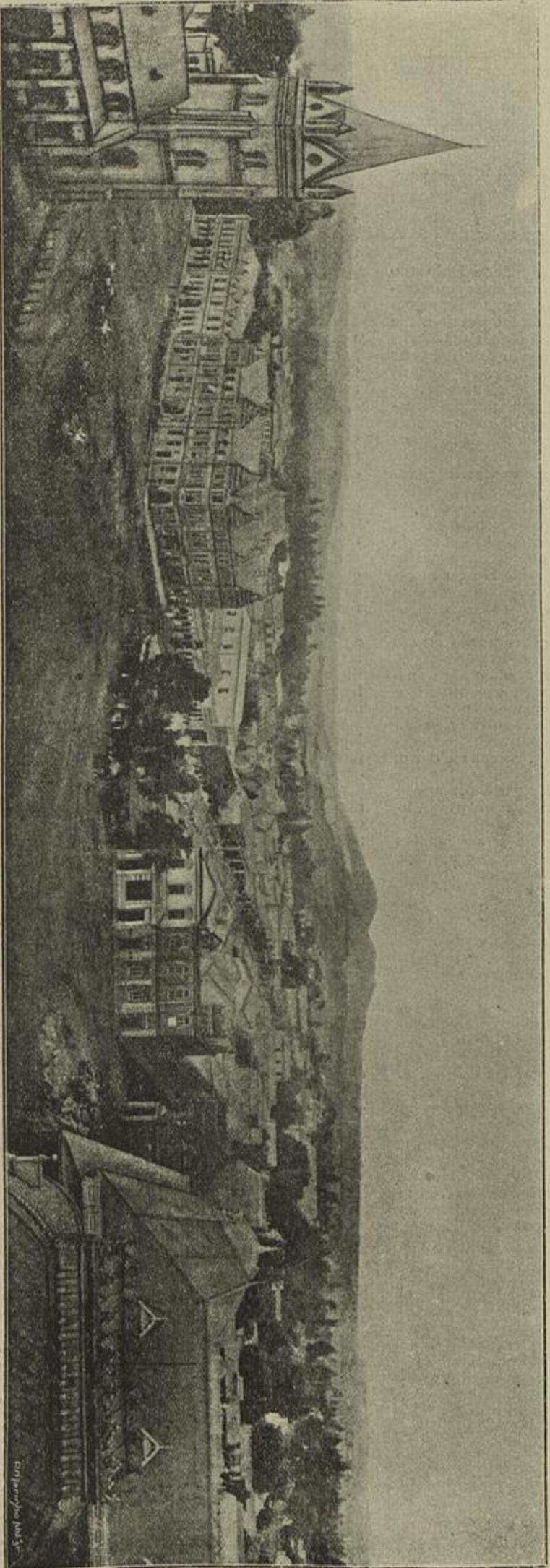
Artigo — I º Ficam extinctos os logares de Juiz e Procuradores do Povo, Mestéres, Casa dos Vinte e Quatro, e os gremios dos differentes officios

Artigo II º As camaras municipaes darão providencias que julgarem mais acertadas para se levar a effeito o disposto no artigo 1.º, sem inconveniente do serviço. E se algumas d'essas providencias excederem as suas attribuições, ellas Me consultarão para as tomar na consideração que merecem.

Artigo III.º Ficam revogadas todas as leis em contrario, como se d'ellas fizesse expressa, e declarada menção. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar Palacio do Ramalhão (Cintra) em 7 de maio de 1834 — D Pedro, duque de Bragança — Bento Pereira do Carmo.»

[4] Alvará de 7 de junho de 1526.

Guerra na Africa do Sul

ARTILHERIA INGLEZA EM MARCHA PARA PRETORIA

UMA VISTA DE PRETORIA

junho de 1663 é que lhe foi concedido o usar de vara vermelha, como o de Lisboa, e em 1748 o Desembargo do Paço arbitrou lhe o ordenado de 20$000 réis.

Por differentes cartas regias de 1513 a 1527, cada um dos dois procuradores dos mestéres de Coimbra recebia, á custa das rendas da cidade, o salario annual de 500 réis.

Dos officios representados na Casa dos 24 de Lisboa, uns estavam *embandeirados*, outros não. Eram os primeiros aquelles que se achavam reunidos em grupos debaixo da *bandeira* de um santo seu patrono.

Os mesteiraes de cada officio tinham obrigação de contribuir todos egualmente para celebrarem as festividades dos seus santos protectores, as quaes eram sempre feitas com grande esplendor.

Nenhum official mecanico podia ser eleito á Casa dos 24, sem que primeiro houvesse exercido todos os cargos da irmandade ou confraria respectiva.

Ainda hoje muitas das irmandades — com exclusão absoluta das do S. Sacramento — existentes nas differentes egrejas de Lisboa representam como que um fio de tradicção das antigas bandeiras.

Assim encontramos na Ermida da Senhora da Oliveira, na antiga rua dos Algibebes, actual de S. Julião, a respectiva irmandade congregando grande numero de confeiteiros e celebrando pomposa festividade no dia de Todos os Santos. Em Santa Catharina, os livreiros fazem uma solemne festa. Em S. Chrispim os sapateiros tambem festejam o santo seu patrono. Na antiga egreja de S. José, os mestres constructores civis ahi se reunem. Nos Martyres os musicos agrupam-se na irmandade de Santa Cecilia, em que outr'ora, quando erecta em S. Roque, eram obrigados a inscrever-se. Na egreja de São Tiago e S. Martinho os cerieiros celebram a festa da Senhora a Franca, etc.

No Porto, o officio dos ferreiros, tendo por patrono a Senhora da Silva, é talvez a mais antiga, seguindo-se lhe a dos ourives com Santo Eloy e a dos sapateiros com S. Chrispim. Tinham a primeira e a ultima os seus hospitaes, e estas instituições ainda hoje subsistem, mas attenuadas como as de Lisboa.

Eram 11 as antigas bandeiras, comprehendendo cada uma d'ellas varios officios, na fórma que vamos indicar. E' claro que nos referimos a Lisboa, pois como dissémos havia em outras cidades os respectivos mestéres:

S. Jorge: barbeiro de barbear, barbeiro de guarnecer espadas, fundidor de cobre, ferreiro, serralheiro, ferrador, dourador, bate-folhas, espingardeiro e cutileiro. Esta bandeira dava dois homens á Casa dos 24. Ao primeiro d'estes officios chamava-se o *cabeça* da bandeira e os outros eram *annexos*.

S. Miguel: ferreiro, canteiro, sirigueiro de chapéos, pentieiro, luveiro, albardeiro e latoeiro de fundição. Dava egualmente dois delegados.

S. Chrispim: sapateiro, odreiro, curtidor e surrador. Dava dois delegados.

Sr.ª da Conceição: correeiro, selleiro e freeiro. Tambem dava dois delegados á Casa dos 24.

BONS AMIGOS

Sr.ª das Mercês: pastelleiro, torneiro, latoeiro de folha branca e latoeiro de folha amarella. Esta bandeira delegava um homem.

Santa Rufina e *Santa Justa:* oleiro, sombreireiro e chocolateiro. Dava tambem um delegado.

S. José: pedreiro, carpinteiro de casas, canteiro, violeiro e ladrilhador. Esta bandeira dava dois homens á Casa dos 24.

S. Gonçalo: tosador, vidraceiro, tintureiro, esteireiro e tecelão. Dava um homem á Casa dos 24.

Senhora da Oliveira: confeiteiro, carpinteiro de carruagens, carpinteiro de jogos de carruagem e picheleiro. Esta bandeira dava um homem.

Senhora das Candeias: alfaiate, bainheiro, carapuceiro e algibebe. Estes officios davam dois homens á Casa dos 24.

Senhora da Encarnação: carpinteiro de moveis e samblage, entalhador e coronheiro. Esta bandeira dava um homem á Casa dos 24.

Alguns officios havia que não estavam embandeirados e que, todavia, tinham representação na Casa dos 24, como os de tanoeiro, cereeiro, ourives de ouro e da prata, alternado com o de lapidario e cordoeiro e alternado com o de sapateiro e cordoeiro de linho, dando os seguintes delegados: 2 tanoeiros, 2 cereeiros, 1 ourives do ouro, 1 ourives da prata e 1 cordoeiro.

Conhecem-se noticias de alguns officios mudarem de bandeira, por questões complicadas mas devéras interessantes. Os archivos municipaes guardam varios documentos importantes por onde se pode destrinçar bem estes assumptos[1].

Tambem havia officios que, não estando na Casa dos 24, tinham comtudo regimento dado pelo senado da camara, sendo uns sujeitos á camara pelo pelouro da almotaçaria, e outros a um official-mór do respectivo officio.

Acontecia assim com os armeiros e ferreiros de ferros de lanças, cujas cartas de privilegios eram passadas pelo Armeiro-mór do reino aos juizes e mestres do officio nas differentes cidades onde os havia.

Em 1795, declarou-se que os privilegios d'esses officiaes mecanicos eram os mesmos dos *bombardeiros e espingardeiros*, aos quaes, em uma carta regia de 1515, se tinham concedido valiosas prerogativas, quando estivessem matriculados na *Almazem do reino*, como então se denominava o arsenal de guerra em Lisboa.

D'entre esses privilegios, destacaremos os da isenção do serviço por mar ou por terra em tempo de paz ou de guerra; não serem arruados, terem honras de escudeiro, e, considerarem se, por expressa vontade do rei, de todos os officiaes *«os mais privilegiados e guardados que nenhuns outros que mais privilegios tenham»*.

Comtudo os *moedeiros* tinham privilegios ainda maiores.

Pelo alvará de 6 de setembro de 1513 prohibe-se que se tome de aposentadoria as casas dos moedeiros de Lisboa, estendendo-se o mesmo privilegio ás suas viuvas.

Por outro, passado em 25 de janeiro de 1521 el-rei D. Manoel determina que todos os que estiverem debaixo dos poderes dos moedeiros, bem como os filhos solteiros d'estes, não fossem presos em cadeias publicas, mas sim, fossem entregues ao alcaide da moeda sem pagarem carceragem, privilegio que depois foi confirmado pelos Filippes.

Pelo alvará de 20 de janeiro de 1551 se determina que as causas dos moedeiros sejam tratadas no juizo da conservatoria da moeda e pelo de 15 de setembro de 1556 se determina que as appellações dos moedeiros venham á casa da Supplicação.

No alvará de 15 de dezembro de 1557 D. João III determina que os moedeiros de Lisboa e officiaes da moeda, sendo demandados por viuvas, sejam as causas conhecidas pelo conservador da moeda, sendo elles réos; e sendo auctores, conhecesse d'essas causas o juiz d'ellas. E por ultimo, pelo alvará de 9 de setembro de 1687 se ordena que os moedeiros que não estejam em exercicio gozem dos mesmos privilegios que os seus companheiros.[2]

[1] *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira.

Indices e summarios dos documentos da Camara de Coimbra, por Ayres de Campos.

[2] Os moedeiros formavam uma companhia militar, ou milicia, com o seu cabido. O candidato admittido na corporação ajoelhava ante o alcaide que lhe dava juramento sobre os Santos Evangelhos, sendo em acto continuo armado cavalleiro pelo alcaide, ou pelo conservador, que lhe punha na cabeça um capacete de ferro dando-lhe em seguida com a espada e sobre aquelle duas cutiladas.

Estas cerimonias que vieram com o tempo de D. Manoel, pelo regimento de 22 de março de 1506, continuaram no reinado de D. Pedro II, estatuidas no cap. 75 do regimento de 9 de setembro de 1686, que determina tambem que o moedeiro, depois de ser admittido, pague 4$000 réis, dos quaes dois serão para o conservador e dois destinados ás despezas da festa do Corpo de Deus, para o cabido e outras despezas necessarias a bem e proveito dos moedeiros.

Tinha aquella milicia os seus distinctivos, e, entre estes a sua bandeira, que era de damasco branco e verde, com franjas e cordões de seda das mesmas côres, e ao centro as armas reaes douradas. Com essa bandeira se apresentaram os moedeiros por vezes na procissão de Corpus-Christi figurando ao lado das corporações de artes e officios.

Nos actos publicos, especialmente nas procissões, tomavam sempre logar as *Bandeiras dos officios*, as quaes eram á maneira de grandes paineis, de forma quadrangular, suspensos por cordões de seda e ouro, de que pendiam muitas e grandes borlas do mesmo metal ou de prata dourada.

Estas bandeiras eram em grande numero e de grande riqueza, sendo umas de damasco, outras de brocado carmezim e muitas de bordaduras de ouro, sobre as quaes se viam representadas em preciosas tarjas e circulos de ouro as imagens dos santos que em sua vida exerceram officios mecanicos, ou de outros santos a quem escolhera a devoção dos officios para seu patrono.

N'uma faustosa procissão de *Corpus Christi*, realisada em Lisboa no dia 8 de junho de 1719[1] eram as bandeiras dos officios levada por homens vestidos com opas ou tunicas talares perfiladas de galão de prata. Algumas das bandeiras eram tão pezadas pelo muito ouro das suas guarnições franjas e bordadura, que para se moverem precisavam da força de tres ou quatro homens, que de quando em quando se revezavam.[2]

Vestiam estes de encarnado com perfil de galão de prata, vendo-se em todas as bandeiras o capricho dos officiaes mecanicos de Lisboa. A preeminencia do logar em que iam era indicio da sua grande antiguidade. Acompanhavam cada bandeira os officiaes mecanicos dos varios officios n'ella respectivamente aggremiados.

Esteves Pereira.

[1] *Historia Critico-Chronologica da Instituição da Festa, procissão e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucharistia*, por Ignacio Barbosa Machado—1759.

[2] No cortejo civico do centenario da India a *Associação dos constructores civis e mestres d'obras* de Lisboa levava uma d'estas bandeiras, a de S. José, que aquella associação guarda com amor. Pode ver-se na egreja da mesma invocação, onde se acha exposta.

SCIENCIA MODERNA

N'esta secção occupar-nos-hemos, quanto possivel, em elucidar os nossos leitores sobre todas as invenções e descobertas mais recentes, realisadas em todo o mundo e que denotam o indiscutivel progresso da sciencia. Poremos, de parte os factos por todos conhecidos e dedicar-nos-hemos exclusivamente áquillo que poderá constituir uma novidade na sciencia.

As sciencias progridem quasi que parallelamente com as lettras, e sendo da indole d'esta revista o indicar sempre o desenvolvimento progressivo d'estas ultimas, parece-nos egualmente util que nos occupemos das primeiras.

Dito isto, vamos dar principio á nossa tarefa.

I

O TELEGRAPHONE

Duas das maiores invenções do seculo XIX foram, sem duvida, o phonographo (que conseguiu obter a palavra do homem gravada, de modo que se torna facillimo em qualquer momento a sua reproducção) e o telephone, que transmitte essa palavra a distancias consideraveis.

E' de uma combinação d'estes dois apparelhos, devida ao illustre engenheiro Waldelmar Poulsen, que nos vamos occupar.

Como facilmente se pode calcular, o apparelho tem por fim transmittir a palavra a distancia e registal-a á medida que fôr transmittida.

Já anteriormente, em 1889, William Haunver tentára realizar esta combinação, e ainda mais recentemente Durand, em 1899; mas nenhum dos apparelhos que estes apresentaram, satisfaziam completamente ao fim a que se destinavam. Oxalá que o apparelho do illustre engenheiro norueguez Poulsen consiga esse fim.

Este apparelho baseia-se na reproducção e registo dos sons por meio dos phenomenos electro-magneticos. As palavras são pronunciadas junto a um microphone que se acha em circuito com uma pilha, uma linha de transmissão e um electro-iman de pequenas dimensões, com ou sem bobine d'inducção, dependendo esta circumstancia do comprimento da referida linha. Este electro iman desloca-se longitudinalmente muito perto de um fio d'aço de 0mm,5 de diametro envolvido em espiral sobre um cylindro animado de movimento uniforme de rotação, abraçando o fio os dois polos do electro-iman.

Sobre a influencia da corrente atravessando o fio, forma-se um campo magnetico, dando assim origem, no fio de aço, a magnetisações transversaes continuas; d'este modo, a palavra vae-se gravando por meio do magnetismo, sem qualquer outro contacto mechanico entre o systema registrador e o cylindro já registado.

Querendo reproduzir a palavra gravada, basta ligar o electro-iman com um telephone magnetico de Bell. A magnetisação variavel do fio, deslocando-se entre as pontas polares do electro-iman, desenvolve correntes de inducção ondulatorias que fazem com que o telephone repita as palavras gravadas.

Para que o fio possa ser de novo gravado, bastará fazer circular, em sentido contrario, uma corrente electrica, que irá successivamente supprimindo todas as impressões existentes no fio gravado.

II

MINAS NATURAES DE SABÃO

As revistas scientificas americanas annunciam o apparecimento, nos Estados Unidos, de tres jazigos naturaes de sabão.

O sabão, producto que tem sido obtido artificialmente, resultado de multiplices e complexas operações, passará a ser-nos fornecido pela natureza, se por acaso se levar a effeito a exploração d'estes jazigos e os seus productos apresentarem as condições necessarias para que estes possam substituir com vantagem os sabões que até hoje se teem fabricado.

Se assim fôr, a industria do sabão começará manifestamente um periodo de decadencia.

Com effeito, o sabão natural virá fazer concorrencia ao sabão artificial, se não pela qualidade, pelo menos pelo preço, visto que sendo o trabalho para a sua extracção muito menor do que o trabalho necessario para obter o sabão artificial, o preço deve ser manifestamente menor, e como o consumidor procura sempre, em identicas circumstancias de qualidade, o producto que lhe fôr menos dispendioso, conclue-se facilmente que todos optarão pela compra do sabão natural.

O producto existente n'estes jazigos que pode substituir os sabões, é constituido por uma qualidade especial de argilla. Se expozermos esta argilla ao ar durante o espaço de vinte e quatro horas, esta solidifica e toma a consistencia do sabão ordinario, podendo facilmente cortar-se esta massa em pedaços e sob esta fórma lançal-a ao commercio.

E', como se vê, este sabão fornecido pela natureza, constituido unicamente por uma especie de argilla muito fluida, encontrando-se em camadas bastante espessas a pequenas distancias dos lagos Erié e Outario, e tambem, em menor porção, na Colombia Ingleza.

31—5—900.

Antonio A. O. Machado.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

I

O SR. HERMANN SCHULTZ

Foi no dia 3 de julho. Estava eu, muito bem descuidado, pelas seis horas da manhã a regar as minhas flores, quando vejo entrar um rapaz alto, loiro, imberbe, com lunetas d'oiro e um bonnetzinho allemão. Um sobretudo muito largo de lasting fluctuava melancolicamente em torno d'elle, como véla ao longo d'um mastro, quando abranda o vento. Não trazia luvas, e os sapatos de coiro cru tinham por base umas valentes solas, tão largas que lhe rodeavam o pé como com um passeiosinho. Na algibeira do lado, sobre o coração, modelava-se em relevo e desenhava vagamente o contorno sob o panno lustroso um grande cachimbo de louça. Nem sequer perguntei ao desconhecido se havia andado em alguma universidade allemã; puz o regador no chão e saudei-o com um lindo: *Guten morgen.*

—Sr., respondeu-me elle em francez, mas com lamentavel sotaque, chamo-me Hermann Schultz; passei uns dias na Grecia e por toda a parte o seu livro me acompanhou.

Este exordio acordou no meu coração suavissima alegria; pareceu-me logo que a voz do estrangeiro era muito mais melodiosa do que a musica de Mozart e logo dirigi para as suas lunetas d'oiro o meu olhar cheio de profundo reconhecimento. O amigo leitor nem imagina o que nós gostamos da gente que nos lê. Só desejaria ser rico para assegurar o bem-estar a todos aquelles que me hão lido alguma vez.

Apertei a mão do excellente rapaz e offereci-lhe o melhor banco do jardim, porque temos lá dois. Disse-me que era botanico e que andava em missão do jardim das plantas de Hamburgo. A' medida que ia completando o seu hervario, observára muito as terras, os bichos e os homens. A singeleza das suas descripções, seus pontos de vista estreitos mas ajuizados, lembraram-me algum tanto a forma do bom velhote Herodoto. Exprimia-se pesadamente, mas com tal candura que inspirava confiança; sublinhava as palavras com o tom d'um homem perfeitamente convencido. Deu-me noticias, se não de toda a cidade, pelo menos dos principaes vultos de Athenas, de que falei no meu livro. No decorrer do cavaco apresentou certas ideas geraes que tanto mais sensatas me pareceram quanto é certo que, antes d'elle, já eu as havia desenvolvido. Ao cabo de uma hora eramos intimos.

Não sei qual de nós falou primeiro em bandoleiros. Quem viajou pela Italia fala de quadros, quem pela Inglaterra de industria: cada terra tem lá a sua especialidade.

— Caro sr., perguntei ao precioso desconhecido, encontrou alguma vez os salteadores? E' verdade o que se diz, que ainda os ha na Grecia?

— Muito verdade, respondeu gravemente. Vivi quinze dias nas unhas do terrivel Hadgi-Stavros, cognominado o *Rei das Serras*, para poder falar por experiencia propria. Se está de maré e se o não assusta uma historia comprida, posso contar-lhe com todos os pormenores a minha aventura. Faça d'isso o que lhe apetecer: romance, novella, ou talvez melhor, visto ser certo, um capitulo a mais para o seu livrinho em que já escreveu verdades tão curiosas.

—Isso seria extrema bondade, respondi, e aqui lhe ponho as minhas orelhas ás suas ordens. Venha aqui para o meu quarto de trabalho. Estaremos mais á fresca, sem que deixem de ir ter comnosco os perfumes do reseda e das ervilhas de cheiro.

Seguiu-me da melhor vontade, cantarolando em grego o estribilho d'uma cantiga popular.

Estabeleceu-se no divan, com as pernas cruzadas como os arabes, tirou o sobretudo para estar mais á fresca, accendeu o cachimbo e começou a historia, que eu sentado á minha carteira, ia stenographando.

Fui sempre homem que nunca desconfiei de ninguem, muito menos de quem me faz elogios: entretanto o homem contava-me coisas tão maravilhosas, que por vezes perguntei aos meus botões se elle não estava a mangar comigo. Mas falava com uma tal certeza e era tão limpido o olhar de seus olhos azues, que logo no mesmo instante se apagavam os relampagos do meu scepticismo.

Falou, falou, até ao meio dia dia e meia hora. Se alguma vez se calou, foi para accender o cachimbo. Não olhei para elle que o não visse placidamente a sorrir, como Jupiter no quinto acto do *Amphytrião*.

Vieram dizer-nos que o almoço estava na mesa. Hermann sentou-se na minha frente e todas as leves duvidas que me haviam atravessado a cabeça se desvaneceram deante d'aquelle apetite. Eu sei que um bom estomago nunca se dá com uma má consciencia. O allemãosinho era bom conviva de mais para ser narrador infiel; a voracidade respondia-me pela veracidade. Passando-lhe o prato dos morangos, confessei lhe que duvidára um instante da bom fé com que me falava. Respondeu-me com um sorriso angelico.

Passei com o meu novo amigo o dia inteiro e não tive razões de queixa sobre a lentidão do tempo.

A's cinco da tarde o rapaz apagou o cachimbo, vestiu o sobretudo e apertou-me a mão, dizendo-me adeus.

— Até mais ver, respondi.

— Não, disse, meneando a cabeça; parto hoje no comboio das sete e não espero tornar a vel-o.

— Deixe-me a sua morada. Não desisti do prazer de mais uma viagem e talvez passe por Hamburgo.

— Infelizmente ainda não sei onde irei dar com os ossos. A Allemanha é tamanha.. Não está escripto que eu deva morrer cidadão de Hamburgo.

— Mas se eu publicar a sua historia, quero ao menos mandar-lhe um exemplar.

— Não é preciso. Assim que o livro apparecer, temos logo uma contrafacção feita pelo Wolfgang Gerhard, de Leipzig. Lá o leio. Adeus.

Assim que elle se foi reli a historia que me havia dictado; pareceu-me haver coisas extraordinarias, mas nada que se oppuzesse ao que muita vez vira e ouvira contar durante a minha estada na Grecia.

Comtudo ao enviar o manuscripto para a imprensa veio-me um escrupulo. Se houvesse qualquer erro na historia de Hermann? Como editor sempre tinha uma certa responsabilidade. Publicar assim, sem revisão, a historia do Rei das Serras não seria expôr-me ás paternaes reprehensões do *Jornal dos Debates*, aos desmentidos dos gazeteiros de Athenas e ás grosserias do *Espectador do Oriente*? Essa perspicacissima folha já inventou que era eu marreca; deveria pois fornecer-lhe occasião de me chamar cego?

Na duvida, mandei tirar uma copia do manuscrito e enviei-a a um homem digno de toda a confiança, um grego de Athenas, o sr. Patriotis Pseftis. Pedia-lhe que marcasse bem, com grega sinceridade e sem os poupar, qualquer erro do meu amigo, promettendo-lhe imprimir a resposta no fim do volume.

Entretanto entrego á curiosidade publica o texto exacto da historia de Hermann. Não troquei uma só palavra, respeitando as maiores inverosimelhanças. Corrigil-o seria tornar-me seu collaborador.

Hermann é quem lhes fala, puxando fumaças do seu cachimbo de loiça e sorrindo-lhes por detraz dos seus oculos d'oiro.

II

PHOTINI

Pela antiguidade do meu fato facil é adivinhar-se que não tenho dez mil francos de renda.

Meu pae é um estalajadeiro arruinado pelo caminho de ferro. Nos annos bons come pão, nos outras come batatas. Seis filhos, todos com todos os dentes. Calcule.

No dia em que, por concurso, obtive uma missão do jardim das plantas, foi uma alegria lá em casa. Duzentos e cincoenta francos por mez, e mais quinhentos por uma só vez para despezas de viagem.

Já meus irmãos diziam que, logo que eu voltasse de Athenas, havia de ser nomeado professor da universidade. Mas meu pae tinha outras idéas. A mania d'elle era que eu havia de voltar casado. Um estalajadeiro assistiu sempre a qualquer romance e por isso estava convencido que as aventuras só veem ter comnosco nos caminhos. Trez, quatro vezes por semana, citava o caso do casamento da princeza Ypsoff com o tenente Reynauld. A Princeza alugou todo o primeiro andar, tinha criadas e correio e pagava vinte florins por dia; o tenente francez morava na agua-furtada e pagava, com comida e tudo, florim e meio. Ora, passado um mez, o francez foi-se com a princeza russa na mesma carruagem. Porquê? Está visto; porque ia casar com ella. Meu pae, com seus olhos de pae, via-me muito mais bonito e elegante do que o tenente, e dava como certo que, mais dia menos dia, eu havia de encontrar a princeza que nos havia de enriquecer a todos.

Na noite da minha despedida, bebemos uma garrafa de velho Rheno e a ultima gota coube ao meu copo. O santo homem até chorou de alegria! Era um presagio certo, n'aquelle mesmo anno eu havia de casar. Respeitando-lhe as illusões não lhe quiz lembrar que as princezas em geral não andam de terceira classe.

O caso foi que desembarquei no Pireu sem o menor romancesinho para contar.

O chanceler da legação da Prussia, para quem levava cartas de recommendação, alojou-me em casa d'um tal Christodulo, pasteleiro, ao canto da rua d'Hermes e da Praça do Palacio. Cem francos por mez.

Christodulo é um velho pallicaro, condecorado com a cruz de ferro, quando foi da guerra da independencia. É tenente de phalange e recebe o ordenado por detraz do balcão. Anda sempre vestido á grega, barrete vermelho de borla azul, jaqueta bordada a prata, saia branca e polainas doiradas, para vender gelados e bolos.

Sua esposa, Maroula, é enorme, como todas as gregas cincoentonas. O homem comprou-a por oitenta piastras, no mais acceso da guerra, quando o sexo estava pela hora da morte. Nascera na ilha d'Hydra, mas vestia-se como as athenienses, casaco de veludo negro, saia de côr clara, um lenço atado nos cabellos.

Nem Christodulo nem a mulher sabem palavra de allemão; mas o filho Demetrio, que é criado de servir, comprehende e arranha mais ou menos todas as linguas da Europa. Eu não recebi positivamente o dom das linguas, mas sou polyglotta distincto e tanto falo grego como inglez, italiano ou francez.

Era boa gente. Deram-me um quarto caiado, com uma boa mesa de pinho, duas cadeiras de palha, um colxão muito pouco espesso, um cobertor e dois lençoes de algodão. Almoçava uma tigella de salepo, jantava um prato de carne, com muitas azeitonas e peixe secco; ceava legumes, mel e bolos. Mas o que mais me fez estimar a casa, foi um certo vinho de Santorino que Christodulo foi descobrir não sei onde. Nunca bebi muito, porque o vinho era trepador; mas ao fim do jantar punha-me sempre a citar versos de Anacreonte e a descobrir uns restos de formosura no rosto lunar da gorducha Maroula.

Comiamos todos em familia com Christodulo e os pensionistas da casa.

Eram quatro internos e um externo.

O primeiro andar dividia-se em quatro quartos. O melhor d'elles era habitado por um archeologo francez, sr. Hippolyto Mérinay.

Se assim fossem todos os francezes, desgraçada França! Era um homemzinho de entre dezoito e quarenta e cinco annos, muito ruivo, muito manso, falando muito e armado com duas mãos humidas e quentes com que se agarrava ao parceiro. Tinha duas paixões: archeologia e philantropia. Era socio de muitas academias e de muitas confrarias de beneficencia. Apostolo da caridade e tendo herdado dos paes coisa que se via, nunca o vi dar uma esmola a um pobre. Quanto á archeologia era coisa mais seria, penso eu, que o seu amor á humanidade. Fôra até coroado por não sei que academia de provincia pela memoria sobre o preço do papel em tempo de Orpheu. Foi animado por tal exito que resolveu viajar pela Grecia, recolhendo materiaes para obra de maior folego: tratava-se de saber o azeite que Demosthenes gastou, quando escreveu a segunda *Philippica*.

Os meus dois outros visinhos não eram de tanta sciencia e pouco os ralavam as coisas de outros tempos.

Giacomo Fondi era um desgraçado maltez, empregado n'um consulado qualquer, onde ganhava cento e cincoenta francos por mez a fechar cartas. Qualquer outro emprego calhava-lhe melhor me parece. A natureza que povoou a ilha de Malta para que nunca faltassem carregadores no Oriente, déra ao pobre Fondi hombros, braços e mãos de Milo de Crotona. Nascêra para manejar massos e não páusinhos de lacre. A' hora de jantar é que elle entrava no seu verdadeiro elemento. Comia como um capitão da *Iliada;* rangiam-lhe as maxillas, dilatavam-se-lhe as ventas, brilhavam-lhe os olhos, scintillavam seus trinta e dois dentes, mós formidaveis de que elle era o moinho. Do que dizia não me lembro lá muito. Da intelligencia facilmente se lhe achavam os limites, do appetite é que não. O Christodulo nada ganhou albergando-o durante quatro annos, embora o obrigasse a pagar dez francos por mez, para supplemento de comidas.

(Continua).

Musicographia Mascaró, para cegos e videntes

O sr. dr. Mascaró, continuando na sua bem conhecida dedicação pelos cegos, em que tem empregado boa parte da vida, apresentou o anno passado o seu novo systema de escrever musica que denominou *Musicographia* e de que o OCCIDENTE se occupou a pag. 60 do vol. de 1899 (n.º 727).

Não descansando em aperfeiçoar e pôr em pratica o seu novo processo, sujeitou á apreciação do Real Conservatorio de Lisboa para sobre elle dar o seu parecer, o qual é bastante lisongeiro para o sr. dr. Mascaró, como se póde vêr do extracto que em seguida apresentamos:

«Foi presente ao Conselho Escolar do Conservatorio Real de Lisboa um methodo destinado pelo sr. dr. Mascaró ao ensino da musica aos cegos, obra que o seu auctor intitula *Musicographia hispano portugueza para cegos e videntes.*

Provadissimo como está ser o sr. dr. Mascaró um verdadeiro benemerito e sendo a sua invenção um melhoramento do systema imaginado pelo celebre pedagogo Braille, caber-lhe-hiam os maiores louvores mesmo que o resultado pratico da sua obra não fosse absolutamente coroado de exito. Para o Conselho Escolar do Conservatorio dar o seu parecer convicto e absoluto ácerca de tal assumpto, seria necessario que além de estudar

MUSICOGRAPHIA MASCARÓ PARA CEGOS E VIDENTES, COMPARADA COM A NOTAÇÃO MUSICAL ORDINARIA

attentamente o systema, visse e apreciasse a sua applicação pedagogica e seguisse os progressos dos alumnos aos quaes o methodo se destina. E' certo que a este trabalho, como a tantos outros da sua especie se não pode applicar a locução latina: *Res judicata pro veritate habetur*; necessario se torna que o systema não só se affigure pratico mas dê além d'isso os resultados desejados no ensino, o que se não obtem senão após longo tempo de experiencias.

Assim, tanto quanto permitte ao Conselho Escolar do Conservatorio, uma analyse superficial do systema em questão, é de parecer que tal methodo vem prehencher uma lacuna e deverá pela sua simplicidade pratica dar o resultado desejado, sem que aos professores se imponha um estudo absolutamente especial attenta a sua affinidade com o systema vulgar do ensino da musica. Os signaes empregados para a sua leitura taes como as figuras, os accidentes etc., assemelham-se aos da musica usual, e, alliados aos caracteres e algarismos representativos das notas, completam um methodo de facil comprehensão e que attesta o estudo, a dedicação e a benemerencia do seu auctor.

Lisboa, 31 de Maio de 1900.

(aa)—Francisco Jorge de Sousa Bahia, João Evangelista Machado da Cunha e Silva e Julio Candido Neuparth.

Com a musicographia Mascaró podem escrever-se todos os pensamentos musicaes sem pautagrama nem claves, referindo-se a escala geral de sons de sete oitavas que se representam pelos numeros romanos I, II, III, IV, V, VI e VII, e as notas pelas suas iniciaes D, R, M, F, S, L, 3 e os intervallos pelos algarismos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

Este systema, utilisando tanto a cegos como a videntes, é de esperar que se propague, simplificando bastante o estudo da musica.

A. S.

Recebemos e agradecemos:

Revistas photographicas:

E' notavel, sem duvida, o desenvolvimento que tem tomado a photographia em todo o mundo civilisado. Graças a instrumentos e apparelhos muito simples e a uma propaganda activissima, o emprego da photographia constitue hoje um ramo de *sport*, que tem numerosos apaixonados.

Entre varios catalogos de fabricas estrangeiras, temos presentes as seguintes revistas de propaganda photographica:

Le Procedé.—*Revue mensuelle de la photographie appliquée aux impressions, 1.ère année N.° 1, publiée par A. W. Penrose & C.°, rue Notre Dame des Champs, 44, Paris.*

Esta revista insere artigos technicos, descrevendo os modernos processos das *3 côres, photographia, esmalte*, etc., explicando-os muito succintamente.

Photo-Hall.—Catalogo em portuguez, illustrado, da casa de apparelhos photographicos sita na rua Scribe, 5, em Paris.

Este estabelecimento dedica-se especialmente a fornecer os amadores, pois que os seus apparelhos são de modico preço, solidos e facilmente manejaveis.

Photo-sport.—Catalogo em hespanhol, publicado pela fabrica de Georges de Courbin, no Square de l'Opera, Paris, estabelecida tambem com o intuito exclusivo de fornecer os amadores photographicos.

Na verdade, a photographia, ora considerada como arte, ora como simples distracção, pode dizer-se que reune o util ao agradavel. A posse de de um grande numero de photographias é um prazer, em que sobresahem as pequeninas lembranças, indeleveis e encantadoras, de uma affeição, de um passeio, dos maiores ou menores successos da nossa existencia, que assim podemos rever a todo o momento, suscitando emoções e alegrias forçosamente passageiras.

Graças, pois, á enorme perfeição attingida pelos apparelhos e á simplicidade dos processos, o *Sport* da photographia augmenta sem cessar, e ha hoje um grande numero de amadores que excedem muitos profissionaes na sua habilidade.

Louvaveis são, pois, os esforços dos industriaes que teem sabido aperfeiçoar os seus apparelhos, e justissimo é que se indiquem os seus estabelecimentos ao favor publico.

Relatorios de associações—É sempre com interesse que lemos os relatorios e contas das associações de soccorros mutuos e instituições de beneficencia que nol-os enviam. Já aqui, e por mais de uma vez, temos demonstrado como o movimento associativo em Portugal é digno de respeito; e, á parte umas ou outras gerencias menos felizes, as associações portuguezas, especialmente as mais antigas e portanto mais radicadas e conceituadas, gozam de boa administração.

Tem o logar de honra o *Monte-pio Geral*, instituido em 1840 e que já hoje conta um elevadissimo numero de socios e se mostra n'uma prosperidade crescente.

Merecem especial referencia A *Associação de soccorros mutuos na inhabilidade*, que se acha no seu 28.° anno de existencia; *O Pelicano*, que busca levantar-se, graças a uma administração energica e á solidariedade dos seus 433 socios que a não teem desamparado, tendo no ultimo anno conseguido já augmentar o seu fundo associativo.

Do *Asylo dos Orphãos de Santa Catharina*, temos presente o relatorio lido na sessão solemne de 1 de janeiro de 1899, o 41.° anniversario de tão sympathica instituição.

O *Boletim da Associação de Orações e boas obras pela conversão dos pretos* é tambem um documento honroso e interessante para Portugal, pela propaganda dos missionarios do Espirito Santo de Angola e Congo.

O relatorio da direcção do *Real Gymnasio Club Portuguez*, fundado em 1875, é tambem um documento em que se expõem lucidamente o estado financeiro do elegante gremio e os esforços dos seus directores em conservar-lhe o bom nome de que sempre tem gozado.